

NOVELOS  
AO MAR

ELAINE  
BOMFIM



## ELAINE BOMFIM

ELAINEBOMFIM.COM/NOVELOS-AO-MAR/  
ELAINE\_BOMFIM@HOTMAIL.COM  
@ELAINERBG

Elaine Bomfim (Aracaju | SE, 1980) é artista visual, artesã, ilustradora, escritora e arte-educadora. É editora da Revista Portela, integrante da Associação de Artesãos da Barra dos Coqueiros e associada da AJEB - SE. Iniciou a carreira artística no ano 2000 como artista visual com um trabalho focado em questões que relacionam o particular e o social, realizando exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Realizadora do curta Cancioneiras - Embarcações Poéticas, exibido e premiado em festivais. Ilustra e escreve livros publicados pela Editora Bagaço, Editora Construir e em publicações independentes. Escreveu a Menina que Queria Voar, Pontos para Haicais e Falas sobre Focinhos e Patas. Gosta do tempo que leva as coisas feitas a mão, da conversa com a matéria da arte e das histórias que descobre e recria.

## A G R A D E C I M E N T O S

Imensos agradecimentos às pessoas que trabalham nos arquivos consultados e que gentilmente me atenderam. E a todos que também generosamente puderam conversar sobre histórias de canoas, mares, rios e águas diversas.

Canoeiros da Barra dos Coqueiros, Adriana, Alexandre Praxedes, seu Pedro, Hugo e Vadinho. Fabiana e Sayonara Viana, do Memorial de Sergipe. Isla Gristelli, que também tem um grande amor pela Ilha de Santa Luzia e pelas águas do Rio Sergipe. Nayara Barbosa, do Arquivo Público de Aracaju. Roberto Fernandes, museólogo e doutor em arqueologia. Sayonara Rodrigues, do APES. Sérgio Moura, do Arquivo Municipal da Barra dos Coqueiros. Tenente Pamela, Renata Nazareth – Capitão de Corveta/ Divisão de Acesso à Informação, Márcia Prestes

– Bibliotecária da Seção de Documentos Iconográficos e Audiovisuais da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação - Marinha Brasileira. Nunca aprendi tanto sobre navios.

### **Ao Rio Sergipe, por suas histórias.**

*As referências completas e materiais resultantes da pesquisa podem ser encontradas em:*

**[elainebomfim.com/novelos-ao-mar/](http://elainebomfim.com/novelos-ao-mar/)**



**Alguns** olham para os rios como se fossem apenas águas que cortam terras. Esses, não sentem o seu pulsar, seu respiro, não imaginam vidas que seguiriam seus fluxos. A artista Elaine Bomfim traz o rio como um lugar de memórias, individuais e coletiva.

Olhar suas obras é como ouvir os rios, que ecoam a existência de um povo, um santuário do espírito e símbolos. Elaine nos ensina a escuta atenta, aberta para o aprendizado e sabendo da importância de deslindar narrativas. O rio se apresenta como um parente mais velho, uma entidade, que tem muito a falar de fluxos vividos e tons invisíveis do devir.

O trabalho da artista carrega um forte apelo ambiental e de preservação, por compreender que tudo o que o rio faz, o que ele traz e o que leva, integra um mesmo ciclo, um todo vivo da história. Essa percepção pode ser vista pelo modo cotidiano, mas também se abre

em uma filopoética, que assim como na escrita de Edouard Glissant, traz das possibilidades de criação de imaginários na "recusa em morrer".

A escolha dos materiais reforça o sentido da obra que se faz corpo. O papel que acolhe as fotografias e os bordados – suporte da obra – é produzido artesanalmente a partir de fibras de gigogas, plantas aquáticas que, em seu tempo certo, são arrastadas pelo rio e chegam em abundância à Praia da Costa, no litoral da Barra dos Coqueiros. Somam-se a elas as fibras da palha de milho e do bagaço da cana-de-açúcar, que há séculos percorrem o trajeto do interior ao litoral, sempre conduzidas por essas mesmas águas.

O bordado como forma de salvaguardar a memória do rio é espécie de pele estética de permanência e poesia, dar cor ao que já está apagado, reviver em bela resistência. O trabalho da artista



se torna ponte entre rios, entre tempos.  
O bordar é uma tentativa de fixar o que  
jamais teria que ser esquecido.

Ao entrelaçar imagens antigas às que capta  
hoje, a artista cria um rizoma de memórias  
– no gesto de fazer do passado não uma  
parada fixa, mas um caminho que já  
assume o futuro do rio e de sua história.

**Novelos ao mar: assim a obra se lança.**



JACI  
ROSA  
CRUZ

Pós-graduada em Gerenciamento de Empresas de Turismo pela Universidade Federal de Sergipe (1997), possui graduação em Jornalismo e MBA em Museologia, Curadoria e Gestão de Exposições. Atua como produtora e curadora cultural, tendo recebido uma Moção Honrosa do Conselho Estadual de Cultura em reconhecimento ao seu trabalho no Simpósio Cultural de Laranjeiras.

Participou de diversas comissões técnicas e de avaliação, contribuindo com sua experiência em projetos culturais. Atualmente, é coordenadora da Plataforma Virtual ÇIRIJI – Olhar para Sergipe e criar pontes, iniciativa dedicada a fomentar e divulgar a cultura sergipana. Além disso, exerce a função de diretora da Galeria de Arte Álvaro Santos, consolidando sua atuação no cenário das artes visuais, sua grande paixão.

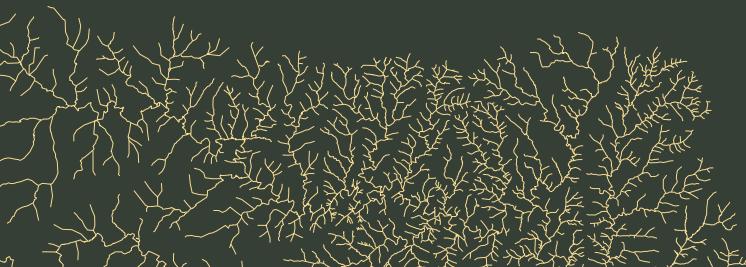


## UM PEQUENO DISCURSO DE APRESENTAÇÃO

...1855  
...1900  
...1920

O Rio Sergipe, é bem  
uma prova de que essa  
luz é variável e transitória.  
Às vezes você notará,  
em suas águas, um tom  
verde, às vezes um tom  
azul, às vezes um tom  
amarelo como se aquela  
massa líquida estivesse  
incendiada, ardendo  
em chamas.

Mário Cabral, 2002.





"(...) esta barca se  
acha pronta a dar  
á vella, logo que o  
tempo, vento, e a  
Barra permita"

Correspondência de Antonio Dias dos Santos Bellico para o Presidente da Província Joze Eloy [onde] apresenta estado atual da guarnição, parte do Registo do Porto e solicita alimento para 40 dias. Justifica que pede para 40 porque não sabe se vai poder sair em agosto diz que não pedira café O documento contém tabela da guarnição e registro de entrada de 15/07/1837 da Sumaca Bom Jesus com passageiros brasileiros, portugueses e um africano: Lourenço de Barros. Quem assina esta entrada: João Pedro da Rocha Pita - 2º. Piloto.

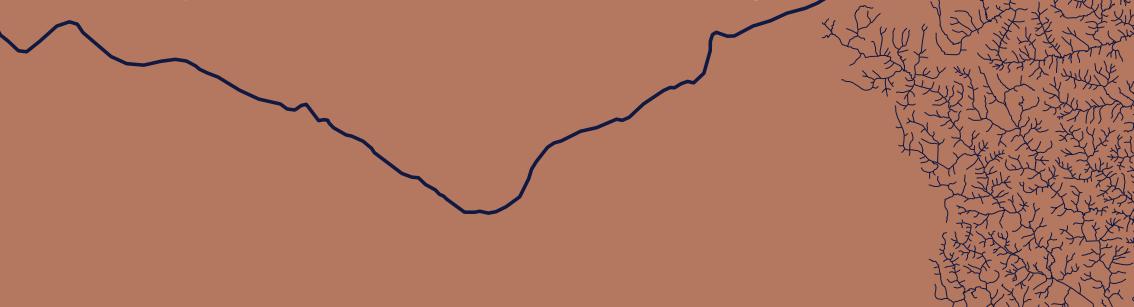
**Repertório dos Patrões da Barra,  
em arquivo do APES.**

Pode me chamar de Sergipe, o rio, e venho de muito tempo. Não é que sou águas passadas, sou mais é águas antigas. De muito antes do tempo em que agora conto e de antes de muitos nomes, sou Syrigype, como o cacique Tupinambá, Kiriri, Kariri, Fulkaxó, Boimé, Xokó ou Karapotó. Sou Cirij, como espraiar, em bom ou aproximado tupi, ou rio dos siris, mas sou de muito antes, quando nem os indígenas, apenas os espraiados e outros bichos, os siris, as matas, a terra, o céu, a lua, o sol e o vento andavam por aqui. Também fui Cotinguba, mas hoje esse é mais um rio irmão, desde quando minha boca para o mar era chamada de Barra do Cotinguba. Vários rios desaguam em mim desde Riachuelo, por uma margem, Rio das Lajes, Sovacão, São Domingos, Rio Salgado, Campanha, Rio Doce, Córrego do Cágado, Rio Jacoca, Rio Vermelho, Rio Jacarecica, Rio Pitanga, Rio Poxim, pela outra margem, Rio Salgado, Rio Cágado, Rio Ganhadoroba, Rio Parnamirim, Rio Pomomga, Lagoa dos Mastros, poços, açudes e barragens. Passo por muitas terras, algumas delas eu inundo por inteiro, Laranjeiras, Nossa Senhora

Aparecida, Malhador, Riachuelo, Santa Rosa de Lima, Moita Bonita, São Miguel do Aleixo e Nossa Senhora do Socorro, as demais eu apenas umedeço, Areia Branca, Carira, Divina Pastora, Feira Nova, Frei Paulo, Graccho Cardoso, Itabaiana, Itaporanga d'Ajuda, Maruim, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Rosário do Catete, Santo Amaro das Brotas, São Cristóvão, Siriri e Ribeirópolis, até meus portos finais, minha boca e língua de mar, Aracaju e Barra dos Coqueiros.  
(...)

E assim como já tive outros nomes, já tive outros modos. Antes dos aterros que fizeram bairros inteiros surgirem, minha vista para o mar era mais aberta e mais perigosa. Havia dois braços, um ao norte, que está lá até hoje, e outro mais ao sul, onde é a Maré do Apicum, hoje apenas de cara para os bancos de areia e mangues. E para subir esse rio aquela era necessário, além de vento forte e alguém que sabia alguma coisa de marés, esperar por dois avisos - como diziam antigamente -, um meu, subindo as águas, e um das Atalaias, avisando que o navio podia passar.

Nessa época eu ainda era o Cotinguba





e rebocadores, barcos pesqueiros ou jangadas experientes haviam de guiar os navios de calado fundo para não ficarem na entrada com o casco arrebentado e as gentes e as mercadorias boiando e pedindo socorro.

Pois contarei desses navios e daqueles barcos que desceram minhas águas e das gentes que se banharam, que pescaram, que temeram e amaram nessas margens. Dos tupinambás que esculpiam das ubiragaras e copaíbas seus barcos com 70 palmos de comprimento e iam até o mar para a pesca ou para a guerra, quando mais de trinta pessoas iam no remo, e voavam em igapébas ou jangadas; do cariuá com que se fazia a estopa e os panos para as velas, e do azeite de peixe, de baleia ou pau de breu com que se fazia a resina para vedar os barcos. E falarei das sergipanas de dois panos, minhas borboletas, canoas que por essa avenida de água escoavam gentes, patos, guerras, cavalos, gados, carnes, equipamentos, casamentos, passeios, pescas, pólvora, cana, açúcar, sal, couro, chefes de todas as tribos, de caciques a imperadores. E de quando uma

vez mais de 40 navios atolaram esperando a preamar e eu ria, ria, jogando as águas de um lado para o outro, da direita para a esquerda, tornando raso o que antes era fundo, só para ver o rebocador aragipe chegar sob alívio e aplausos, desafogando a bagunça que eles mesmos fizeram.

Posso contar por que ainda guardo as flores com que viajantes eram recebidos na chegada dos navios na cidade que recém surgia da areia e mangue e tenho o rastro de rosas, pipoca e algodão-doce que as crianças e os barcos jogavam aos peixes durante a procissão do Bom Jesus.

(...)

Sou onde todas essas histórias passam e se encontram no mar. Porque é para lá que as águas fluem mesmo, quando todos os rios já desaguaram em mim. Quanto tempo eu tenho? Eu tenho é muito, muito tempo. Deixa eu te contar.

**Fragmento do livro *Novelos ao Mar*, de Elaine Bomfim.**

## O que navegou o rio Sergipe nos últimos

**100 anos?** Essa foi a pergunta que ativou Noveiros ao Mar, uma pesca afetiva e pessoal realizada com linhas de bordado no mar das histórias, conceitos e memórias destas águas culturais.

É também um canto em homenagem a todos/as aqueles que vivem com os pés, os olhos e a alma nas águas sergipanas, e uma pesquisa sobre as histórias que contam as embarcações que vieram do mar e subiram o rio, e desceram esse rio em direção ao mar. O papel sobre o qual são impressas as fotografias e pontuados os bordados, o suporte da obra, é produzido artesanalmente com fibras das gigegas, plantas aquáticas que, no tempo certo,

são arrastadas pelo rio e desaguam aos montes na Praia da Costa – litoral da Barra dos Coqueiros, e com as fibras da palha do milho e do bagaço da cana de açúcar, que há muito, muito tempo, percorrem o caminho do interior até o litoral por essas mesmas águas. O papel que ancora os pontos narra sua própria história. As fotografias são então impressas nesse papel com a mesma qualidade da reprodução da gravura, ou seja, podendo estar em quantidade nos espaços e permanência no tempo, tal qual cada embarcação, que permanece por várias décadas e alcança diferentes tempos, até que finalmente desaparece e às vezes sequer chegamos a saber. Essas

# SOBRE UM ESTUÁRIO DE RIO E NOVELOS QUE DESÁGUAM NO MAR



fotografias, documentais, arquivadas, datam e certificam a verdade de cada narrativa mesmo quando, incompletas, abarcam significados diversos nas observações particulares de quem, como eu, lê a fotografia.

Cada obra é iniciada a partir de uma embarcação revelada por fotografias e/ou escritos descobertos em arquivos públicos e pessoais. Algumas dessas fotos não vinham acompanhadas de muitos escritos, e muitos desses escritos revelavam algo, mas não tinham fotos. Às vezes quase nada se encontrava num mar de muita coisa, apenas água. E eu ia entre a opacidade e a nitidez, seguindo o fio de novelo a novelo nas brumas salgadas da memória, aos poucos desaguando de 'eu nem sabia' para 'agora lembro como foi'. Nesse conjunto, em cada imagem, bordar é também imprimir sobre a fotografia e a memória. O que consegue ser lido, esses fragmentos bordados em papel, é a história que a obra quer mostrar, o que veio à tona, aquilo que vai revelar o desejo de saber sobre, e de continuar presente, apesar de passado.

Durante minha pesquisa, foi possível perceber como o rio foi afetando e sendo afetado pelas mudanças comportamentais, sociais, políticas e ecológicas ao longo desses 100 anos. Como as promessas de cada década vão sendo afirmadas ou negadas com o passar do tempo. Como argumentos vão sendo encontrados e fotografias vão se revelando nas fibras de papel trazidas pelo rio. Mesmo depois de 27 obras, um catálogo, um material arte+educativo e um livro, ainda estou descobrindo como desenvolver esses e outros novelos, raspando a camada de sal para me encontrar com tempos.

Fragmentos ocultos como destroços de navios em águas profundas e bem ali na cara, sem serem vistos, tais como os resquícios de estruturas de trapiches e portos nas margens do rio que permanecem há cerca de 100 anos, e eu os vejo hoje, apesar de já ter olhado bastante e por muitos anos, como pela primeira vez, trazendo de volta e redesenhando com linha e agulha sentidos para essa paisagem.





obras .



1. Rio em Linhas ...

1920 ... 2025.

Fotografia impressa  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais,  
bordado e amarração.  
23 x 23 cm. Elaine  
Bomfim.

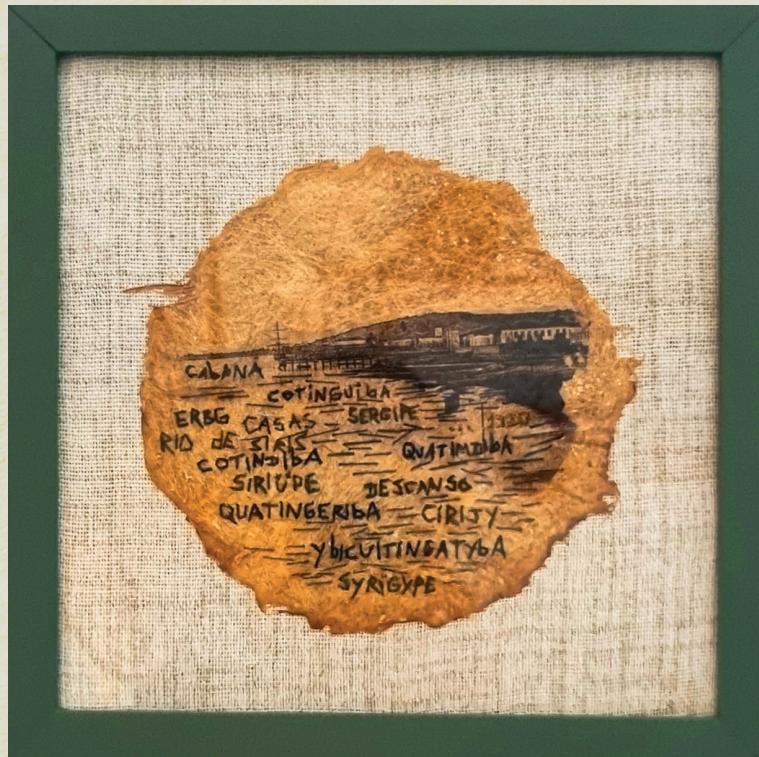
O fragmento de  
fotografia é da vista do  
Rio Sergipe da Aracaju  
do início do século 20,  
autoria desconhecida,  
no arquivo público da  
cidade de Aracaju.

## 2. Os muitos nomes

1869 ... 1920 ... 2025.

Fotografia impressa e bordado sobre papel artesanal feito com reaproveitamento de fibras vegetais. 23 x 23 cm. Elaine Bomfim.

O fragmento de fotografia é de 1868-69, da margem do Cotinguiba, do fotógrafo Abílio Coutinho, na Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.



### 3. Os muitos rios ... 2025.

Fotografia impressa  
e bordado sobre  
papel artesanal  
feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
29 x 29 cm. Elaine  
Bomfim.

Fragmento de  
mapa de estudo da  
Petrobrás de 2005  
sobre a bacia do Rio  
Sergipe.



#### **4. Dos remos às asas de borboleta**

**... 1920 ... 1960 ...  
2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
e aplicação de  
tecido sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
32 x 38 cm. Elaine  
Bomfim.

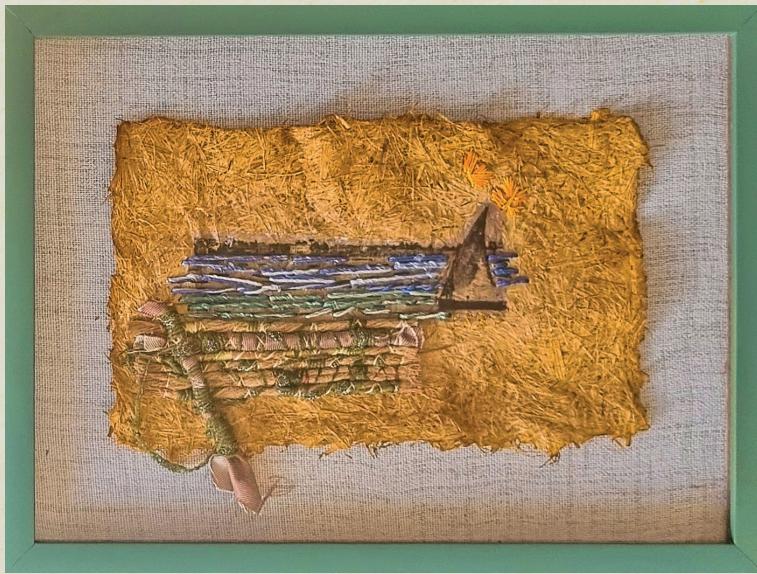
O fragmento  
de fotografia é  
do século 20,  
encontrada na  
revista A Margem  
– 2008/2009, do  
fotógrafo Marc  
Gautherot/ Acervo  
Instituto Moreira  
Salles.



**5. As primeiras  
canoas ...1920 ...  
2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
e amarração de  
tecido sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
34 x 25 cm. Elaine  
Bomfim.

O fragmento de  
fotografia é a  
vista de Aracaju  
do início do  
século 20, autoria  
desconhecida,  
acervo do Memorial  
de Sergipe.



**6. Uma cidade  
luminosa 1920 -  
1930 ... 2025.**

Fotografia  
impressa, bordado,  
cordão de luz e  
folha metalizada  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
26 x 26 cm. Elaine  
Bomfim.

O fragmento de  
fotografia é a  
vista de Aracaju  
do início do  
século 20, autoria  
desconhecida,  
acervo do IBGE.





**7. A Sultana das  
Águas ...1920 -  
1930 ... 2025.**

Fotografia impressa, bordado, cordão de luz, folha metalizada e aplicação de rede filé e paetê sobre papel artesanal feito com reaproveitamento de fibras vegetais. 35 x 27 cm. Elaine Bomfim.

Fragmentos de fotografias de casa de passageiros para hidroavião e hidroavião (1920-30-40), autoria desconhecida, no arquivo público da cidade de Aracaju e no Memorial de Sergipe.

**8. Travessias entre  
guerras 1937 –  
1947 ... 2025.**

Fotografia impressa  
e bordado sobre  
papel artesanal  
feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
26 x 26 cm. Elaine  
Bomfim.

Fragmento de  
fotografia de autoria  
desconhecida,  
livro A Ponte  
do Imperador,  
no Memorial de  
Sergipe/ acervo  
Durval Calazans.



**9. Itagiba - rio  
pedregoso 1920 ...  
1942 ... 2025.**

Fotografia impressa  
e bordado sobre  
folha seca. 35 x 26  
cm. Elaine Bomfim.  
  
O fragmento de  
fotografia é do  
navio da classe

Ita, Itagiba, de  
propriedade  
da Companhia  
Nacional de  
Navegação  
Costeira,  
provavelmente do

final da década de  
1920 de autoria  
desconhecida.



**10 e 11. Barqueata  
do Bom Jesus 1855  
... 2025 e Baependi  
1930 ... 1942 ...  
2025.**

Fotografia impressa, bordado, folha metalizada, aplique de fitas, pérolas, cordão de luz sobre papel artesanal feito com reaproveitamento de fibras vegetais. 66 x 35 cm. Elaine Bomfim.

O fragmento de fotografia é do navio Baependy ou Baependi, de propriedade da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, de 1930, de autoria desconhecida, no acervo da Hemeroteca digital brasileira.



**12. Canoa de boi**  
**1950 ... 2025.**

Fotografia impressa e  
bordado sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
35 x 26 cm. Elaine  
Bomfim.

Fragmento de  
fotografia da  
década de 1950  
localizada no  
acervo do IBGE.



**13. A Triunfante**

**1967 ... 2025.**

Fotografia  
impressa. Folha  
metalizada e  
bordado sobre  
panelo - tela de  
coqueiro. 73 x 28  
cm. Elaine Bomfim.

Fragmento de  
fotografia da  
década de 1960  
localizada no  
acervo do arquivo  
público da Barra dos  
Coqueiros.



**14. O último a sair  
1978 ... 2025.**

Fotografia impressa,  
bordado e folha  
metalizada sobre  
papel artesanal  
feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
26 x 32 cm. Elaine  
Bomfim.

Fragmento de  
fotografia de matéria  
do Jornal de Sergipe  
de 2016.

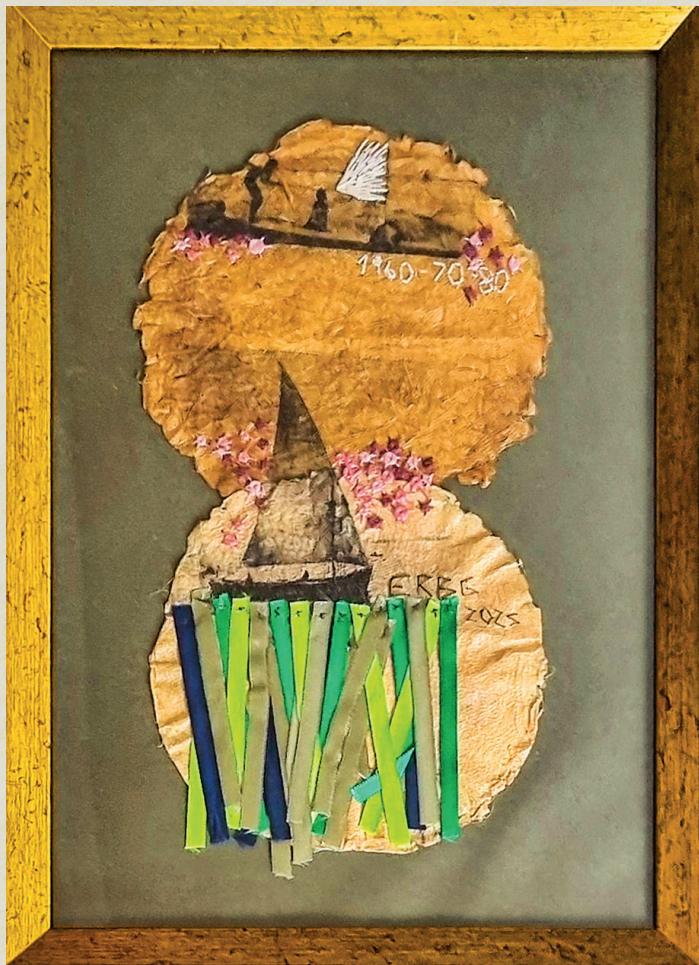


**15. Devir 1970 -  
1980 ... 2025.**

Fotografia  
impressa, bordado,  
folha metalizada e  
aplique de paetê e  
cordão sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
26 x 26 cm. Elaine  
Bomfim.

Fragmento de  
croqui do porto  
hidroviário de  
Aracaju.





**16 e 17. Veranistas  
- o rio romântico  
1960 - 1970 - 1980  
... 2025 e Barco de  
Fitas 2000 - 2025.**

Fotografia impressa,  
bordado, fitas e  
folha metalizada  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
27 x 38 cm. Elaine  
Bomfim.

No topo da imagem,  
fragmento de  
fotografia de  
matéria do Jornal de  
Sergipe no arquivo  
público da cidade de  
Aracaju e no meio,  
fragmento do acervo  
do IBGE.

**18. Uma canoa de  
areia e pinga 1984  
... 2025.**

Fotografia impressa,  
folha metalizada,  
rede filé e bordado  
sobre painel - tela  
de coqueiro. 73 x 28  
cm. Elaine Bomfim.

Fragmento de  
fotografia de autoria  
desconhecida, de  
1984, localizada no  
arquivo público do  
Estado de Sergipe -  
APES.





**19. Aracaju é rio  
de barco: barcos  
pesqueiros 1990 -  
2000 ... 2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
e folha metalizada  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
35 x 28 cm. Elaine  
Bomfim.

O fragmento de  
fotografia gravada  
é de 1996, de autor  
desconhecido,  
localizada no  
Arquivo Público  
Municipal de  
Aracaju.

**20. As muitas  
canoas ... 2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
sobre papel  
artesanal feito com

reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
35 x 28 cm. Elaine  
Bomfim.

O fragmento de  
fotografia é de  
2025, da autoria de  
Elaine Bomfim.



**21. Brincadeiras no  
rio 2000 ... 2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
e folha metalizada  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
25 x 25 cm. Elaine  
Bomfim.

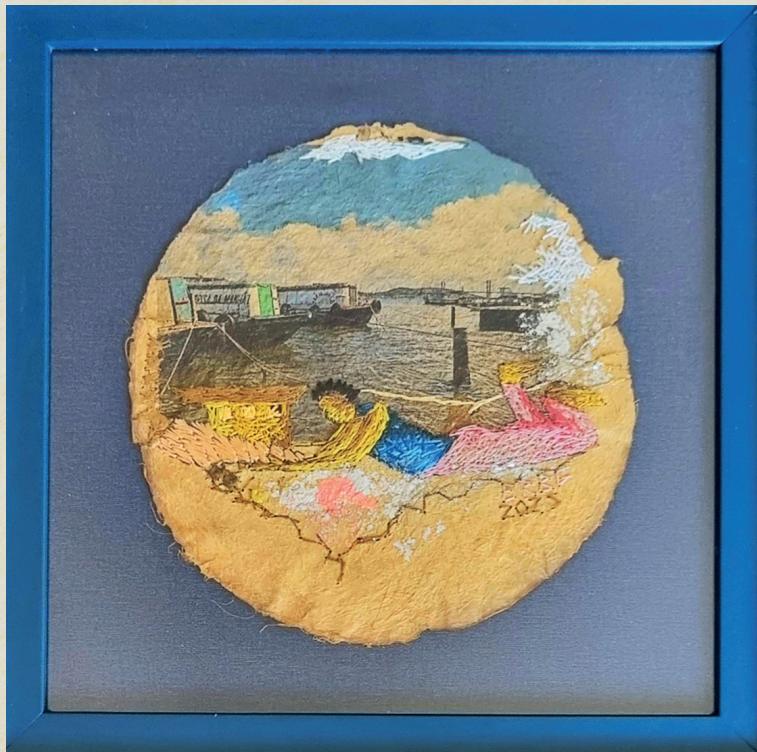
O fragmento de  
fotografia é das  
totós da Barra dos  
Coqueiros, de 2025,  
da autoria de Elaine  
Bomfim.



**22. As últimas 23 ...  
2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
e folha metalizada  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
31 x 31 cm. Elaine  
Bomfim.

O fragmento de  
fotografia é das  
canoas da Barra dos  
Coqueiros, de 2025,  
da autoria de Elaine  
Bomfim. Acervo  
pessoal.



**23. Sergipe Star –  
todo o meu amor ...  
2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
e folha metalizada  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
31 x 31 cm. Elaine  
Bomfim.

O fragmento de  
fotografia é da  
totóto Sergipe  
Star, antigamente  
Amsterdã, de  
propriedade do  
tototozeiro Pedro  
Henrique, de 2025,  
da autoria de Elaine  
Bomfim. Acervo  
pessoal.



**24. Ex-votos**

**marinhos**

**... 2025.**

Fotografia  
impressa, bordado  
e folha metalizada  
sobre papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
27,5 x 27,5 cm.

Elaine Bomfim.

O fragmento de  
fotografia é de  
2025, da autoria de  
Elaine Bomfim.



**25. Maricaça  
... 2025.**

Fotografia impressa, bordado e folha metalizada sobre papel artesanal feito com reaproveitamento de fibras vegetais. 26 x 26 cm. Elaine Bomfim.

O fragmento de fotografia é de autoria desconhecida, da década de 1990, localizada no arquivo público municipal de Aracaju.



## **26. Todos os tempos ... 2025.**

Fotografia impressa,  
bordado e folha  
metalizada sobre  
papel artesanal  
feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
34 x 52 cm. Elaine  
Bomfim.

O fragmento de  
fotografia no topo da  
imagem é da costa  
da Atalaia Nova,  
provavelmente do  
final do século 19/  
início do século 20,  
sem autoria citada,  
localizada no Acervo  
da Biblioteca Mario  
de Andrade em São  
Paulo. Os fragmentos  
submersos são das  
referências e acervos  
consultados.



**27. Agora lembro  
como foi  
(...) 2025.**

Bordado sobre  
gelatina, antúrio  
seco e papel  
artesanal feito com  
reaproveitamento  
de fibras vegetais.  
30 x 30 cm. Elaine  
Bomfim.







FUNCAP  
FUNDAÇÃO CULTURA  
E ARTE ALCIDES DE SERIGPE



SERIGPE  
GOVERNO DO ESTADO



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



MELUSKA  
PUBLICAÇÕES

Para  
visualização  
das obras  
em maior  
dimensão,  
acesse:



PROJETO GRÁFICO  
**@SOJOAO MESMO**  
BE.NET/JOAOHENRIQUE

